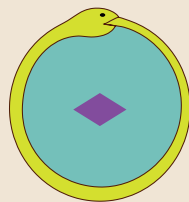
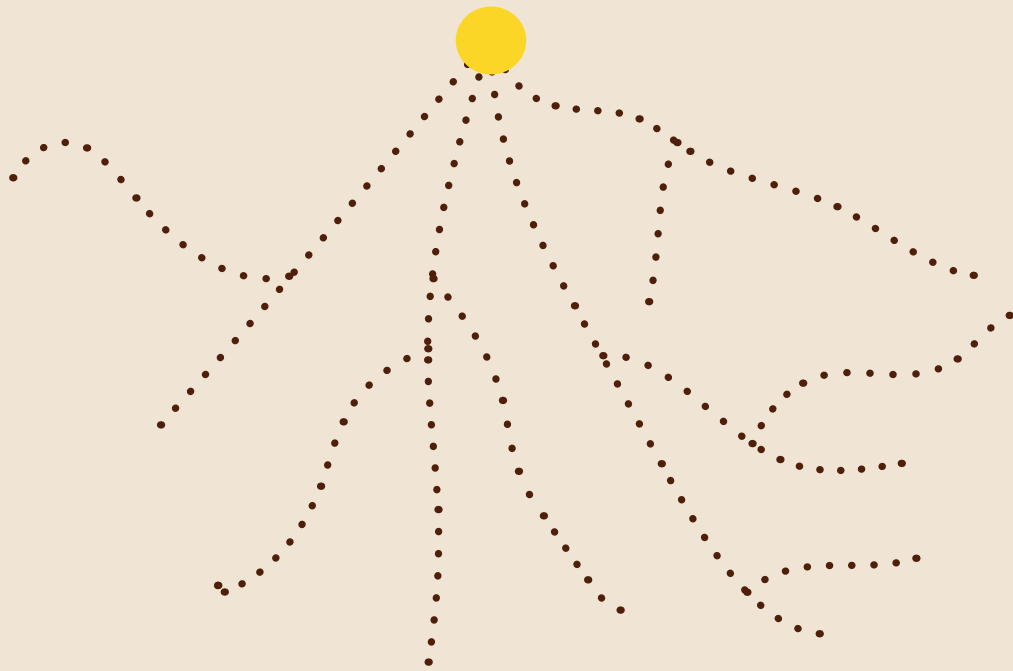
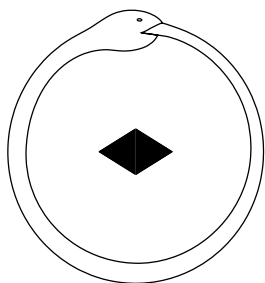




O CORAÇÃO EXPANDIDO
DAS ESCOLAS VIVAS
Ailton Krenak



cadernos
SELVAGEM



O CORAÇÃO EXPANDIDO DAS ESCOLAS VIVAS

Ailton Krenak

No dia 02 de dezembro de 2023, celebramos a abertura de VIVA VIVA ESCOLA VIVA, uma exposição que reuniu arte e medicina das cinco Escolas Vivas apoiadas pelo Selvagem. A abertura se deu em uma grande roda mediada pela coordenadora do projeto, Cristine Takuá, em que se sentaram Dua Busë e Netë Huni Kui; Isael Maxakali e Sueli Maxakali; Carlos Papá; João Paulo Tukano, Anacleto Tukano e Carla Wisu; Francisco Fontes Baniwa e Francys Baniwa, coordenadores desses cinco territórios, além de Moisés Piyãko e Ailton Krenak. Trechos dessas falas de abertura estão no vídeo [VIVA VIVA ESCOLA VIVA](#). Houve um encontro mais aprofundado dos coordenadores das Escolas Vivas, que se tornou o [Ciclo Aprendizagens](#). Este caderno é composto pela fala transcrita de Ailton Krenak na abertura da exposição.

Onde é o coração da Escola Viva¹? Eu gosto de trabalhar, de ver essa profundidade, porque o coração é uma parte principal no corpo de cada um. Para mim, cada corpo montado ou criado pelo criador tem três coisas muito importantes: o cérebro, o coração e o espírito. Essas são as forças que montam aquilo que precisamos para um corpo. Por isso eu pergunto: onde fica o coração da Escola Viva? Todo mundo aqui sabe onde está o nosso coração, não é? E o coração da Escola Viva, que está sendo trabalhado, onde fica?

Eu acho que o coração da Escola Viva é esse sentimento de cada um, que está entendendo o que é isso que está se montando. Esse coração está sendo criado, construído a partir de vários outros corações, de vários outros sentimentos. E está se juntando àquela pureza, àquele doce que todo mundo precisa, que todo mundo gosta em sua vida, não é?

1. Nota editorial: Aqui há uma bela confluência de sentidos, pois as Escolas Vivas foram batizadas pelo pajé Dua Busë, que vive na aldeia Coração da Floresta.

Estou muito contente de estar hoje aqui, ouvindo cada um que faz parte desse coração tão bonito, tão belo, tão forte. Eu vejo que esse coração é o planeta que a gente bebe, falando dessa natureza tão bela que Pawa² nos entregou. E nós somos responsáveis por cuidar dela. Por isso, o nosso povo indígena vem trabalhando, cuidando da natureza, como parte do seu corpo. Porque nós, sem esse verde, sem essa natureza, podemos sim viver, mas é muito difícil. Eu costumo falar que meu povo Ashaninka vai viver, vai batalhar até a última árvore em pé, a última gota d'água que está aqui para todo mundo repartir e beber, para matar a sede. Ele vai estar junto, porque a nossa luta é defendendo tudo isso. E sabendo que, defendendo isso, eu estou defendendo a vida de cada um que faz parte desse planeta, que depende dessas árvores, que depende dessa gota d'água para sobreviver.

POR MOISÉS PIYÁKO

Algumas dessas experiências que estão sendo relatadas aqui são únicas. A única oportunidade de ouvir é agora. Elas estão sendo gravadas, vão poder ser transcritas e virar cadernos. Mas essa emissão da palavra é espírito, não é? Tem um espírito falando. E o papel e o filme não conseguem ter o mesmo efeito.

É uma experiência tão rara, como um laboratório de essências. É uma experiência que muitos escutaram: do caminho que as essências vêm fazendo até a criação de quatro laboratórios dentro do território Huni Kuï. Essa é a continuação de um trabalho sonhado pelo nosso querido Agostinho, nosso saudoso Agostinho³, pessoa maravilhosa que fez

2. Pawa, para o povo Ashaninka, é a divindade que criou o universo.

3. O Pajé Agostinho Manduca Mateus Ika Muru foi uma liderança importante do povo Huni Kuï, que participou da demarcação do território de seu povo e das lutas para libertação do modelo extrativista da seringa, que favorecia o enriquecimento de padrões e proibia atividades culturais indígenas. A trajetória de Agostinho lhe valeu experiência para firmar-se visionário. Ele dizia: "Cultura é a maior proteção. Sonho com o *Livro Vivo*, com o *Livro da cura* e com os laboratórios indígenas".

da vida inteira dele a floresta. Um dia, Anna trabalhou um livro chamado *Livro da cura*. O *Livro da cura* e também o *Livro Vivo* são a expressão do conhecimento, da pesquisa de muito, muito, muito tempo da floresta. As essências vêm dessas jornadas muito anteriores. E elas estão cada vez mais se firmando como uma das maneiras do povo Huni Kuĩ de oferecer ao mundo, além da ideia de uma cura, a maravilhosa possibilidade de a floresta continuar sendo o lugar de produção da vida viva.

É importante que essa história possa ser aberta nos seus diferentes capítulos. Mais recentemente, nós iniciamos esse ciclo de estudos Selvagem, que nos reúne e que às vezes acontece de forma presencial, como este que está acontecendo aqui, mas em outras ocasiões acontece em outros meios, com outras possibilidades. O que é interessante é que ele tem crescido, com uma capacidade própria de expressão. Ao reunir as pessoas em torno das Escolas Vivas aqui, mostrando essas artes, esses trabalhos, se expressa na verdade a continuidade de trabalhos que já são feitos há muito tempo. Uma das expressões é esta que vocês estão vendo exibida em obras de arte e na demonstração do trabalho com as essências.

É muito interessante fazer essa escala de tempo e também dos processos, o trabalho a que as pessoas se dedicaram. Alguns estão vivos e outros não estão mais aqui. Então, esse trabalho tem, como disse Moisés, um coração expandido. Moisés disse: ele está no universo, está na terra, está na floresta. Está também em alguma coisa que já foi mencionada aqui: está nas memórias. É uma maneira de materializar memórias. Se esse conhecimento não se materializar em objetos como estes que estão expressados aqui, nos cantos que são capazes de fazer essas imagens de pássaros e de bichos transcenderem da imagem de pássaros e bichos e serem espírito, se não conseguirmos fazer isso, vamos ficar de cara com esse mundo torrando a 50, 60 graus. Vivemos isso que se chama de crise do clima. Em alguns lugares as pessoas não estão conseguindo nem mais ficar onde viviam, estão tendo que migrar, buscar outros lugares para viver.

Una Isi Kayawa – Livro da cura do povo Huni Kuĩ do rio Jordão (Dantes Editora e Jardim Botânico do Rio de Janeiro) é um livro pioneiro que reúne conhecimento tradicional e ciência através do profundo conhecimento das plantas e das práticas medicinais do povo Huni Kuĩ. Sua concepção e idealização fazem parte de um longo processo colaborativo, orientado pelo pajé Agostinho Ika Muru, que incluiu pesquisa, encontros, conversas, cerimônias e relatos.

Talvez seja interessante considerar que algumas dessas palavras que foram doadas aqui hoje são uma retribuição ao apoio de quem acreditou que poderia estar junto, viabilizando esses trabalhos ao longo desses anos todos. E aqueles que estão apoiando diretamente os cinco territórios indígenas onde estão acontecendo os trabalhos. Vocês sabem que, para esse trabalho acontecer, as pessoas viajam, atuam localmente onde estão vivendo, promovem atividades dentro do território, e é para isso que vocês são convidados a apoiar a iniciativa das Escolas Vivas. Mas é muito importante que vocês possam compartilhar o entendimento do que é essa experiência, como que essa experiência pode ser apropriada por cada um que tem contato com ela. Ela não é uma ideia circunscrita na formação de alguém. Não é uma escola para formar ninguém.

No texto da Cristine Takuá aqui afixado⁴, ela fala da *escola não viva*. Foi a primeira vez em que dei de cara com um texto que nomeia essa experiência limitada das escolas, que se confunde com o prédio. Nessa experiência limitada, alguém poderia dizer que prédios como esses são escolas. Na nossa cultura geral, escola é prédio: você dá um endereço da escola. Olha que coisa interessante: existe uma experiência de escola que tem o termo, que usa a expressão “escola”, mas que, na verdade, se expressa em arte, em conhecimento. É como se ela fizesse uma contramão da ideia de educação. Ela é uma contramão. O que é a contramão? É aquilo que muita gente chama de uma outra epistemologia, uma outra perspectiva e uma outra compreensão do que é conhecimento, do que é saber.

Eu sei que alguém pode ficar pensando: então por que vocês chamam de escola, se historicamente “escola” é uma coisa trazida pelos colonizadores para cá? Se é um modelo jesuítico de equipamento de controle colonial, como que nós vamos descolonizar o sentido intrínseco da palavra “escola”?

Eu sei também que temos outras aplicações do termo “escola” não tão limitadas quanto aquela coisa da educação jesuítica. Mas eu digo que a Escola Viva acontece na contramão porque ela produz saberes. Ela não espera alguém oferecer conhecimento ou formação. As escolas no

4. No texto “As Escolas Vivas e os tempos de transformação”, de Cristine Takuá, na página 9 do catálogo da exposição VIVA VIVA ESCOLA VIVA.

Ocidente são lugares para onde as pessoas vão para aprender, e a Escola Viva se propõe a ser um lugar que expressa saberes ancestrais. Se elas expressam saberes ancestrais, faz todo sentido imaginar um coração da Terra se expressando para nós todos, para o mundo.

Nós sabemos que o contato intercultural e os cruzamentos de cultura no Brasil chegaram a imaginar a possibilidade de fazer a educação escolar indígena. Eu mesmo me engajei há 20 ou 30 anos em debates nessa frente. Mas o que nós estamos fazendo aqui é o oposto disso. Ninguém está falando em educação escolar aqui. Para quem vê de longe, pode entender que estamos elaborando um projeto pedagógico, um plano de educação para as nossas comunidades ou para os não indígenas. Mas não é nada disso.

Esta é uma experiência de apoiar mestras e mestres dos saberes ancestrais, aquelas e aqueles que vivem o exercício do fazer. Nosso apoio acontece para que elas e eles possam continuar transmitindo seus saberes.

Nesse ciclo de estudos nós somos beneficiários disso. A presença dessas pessoas, desses territórios aqui, é uma atuação desses saberes para esse ambiente que nos reúne em torno do ciclo de estudos Selvagem. Todos os ciclos, os cadernos, os encontros e as conversas que aconteceram nos últimos 6 anos desde a primeira roda vêm desse lugar. Tudo isso vem desse coração que o Moisés perguntou onde está. Vem do lugar onde esses saberes são guardados como a própria vida das pessoas, a continuidade histórica, a continuidade de memória que deságua nesses eventos, que são um momento para compartilharmos. Esse círculo interno aqui lembra que estamos imersos numa experiência nova para todos nós. Essa não é uma oferta de um projeto pedagógico, mas um convite ao diálogo e ao apoio.

Gratidão a todos vocês. Agradeço à Cristine, que está conduzindo as Escolas Vivas, junto com seus colegas que estão nos territórios, Papá, Sueli e Israel, seu Francisco e Francy, o mestre Dua Busë e o nosso querido doutor João Paulo Tukano. Eu achei muito bom ele ressaltar que, para além da herança de seus ancestrais, ele também buscou nas universidades a titulação que tem. Ele se habilitou a manter uma clínica, a atender pessoas, a levar o cuidado, a cura e o serviço do Centro de

Medicina Bahserikowi, que ele mantém em Manaus, que levantou junto com seus mestres e que é vivo. E o nosso querido e corajoso Isaká Huni Kui, que continua o trabalho do pai dele, do avô dele, do bisavô e de todo mundo.

Haux haux.

Pensador, ambientalista e uma das principais vozes do saber indígena. Criou, juntamente com a Dantes Editora, o Selvagem, ciclo de estudos sobre a vida. Vive na aldeia Krenak, nas margens do rio Doce, em Minas Gerais. É autor dos livros *Ideias para adiar o fim do mundo* (Companhia das Letras, 2019), *O amanhã não está à venda* (Companhia das Letras, 2020), *A vida não é útil* (Companhia das Letras, 2020), *Futuro ancestral* (Companhia das Letras, 2022) e *Um rio um pássaro* (Dantes Editora, 2023). Em 2022, foi eleito imortal pela Academia Brasileira de Letras.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A coordenação editorial é de Anna Dantes, a assistência editorial é de Alice Faria. A diagramação é de Tania Grillo. Mais informações em selvagemciclo.com.br

Todas as atividades e materiais do Selvagem são compartilhados gratuitamente. Para quem deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 5 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas. Saiba mais aqui: selvagemciclo.com.br/colabore